

UMA NOVA VISÃO ATRAVÉS DA LEITURA E ESCRITA¹

Gotardi, edenilda Januária da silva²

RESUMO: Esse artigo parte de uma concepção de ensino e aprendizagem de investigação através do interlocutor, que vê a leitura e a escrita, postura integracionista de dimensões conhecimento e significados que conduz situação adequada ao crescimento intelectual e a consciência do papel social do aluno e professor na reflexão no ensino e aprendizagem voltada para um mundo globalizado na forma de agir na sua complexidade de interação continua.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Desenvolvimento. Transformação

ABSTRACT: This article is part of a conception of teaching and learning of research through the speaker, who sees reading and writing, integrationist stance of dimensions and meanings that knowledge leads to appropriate situation awareness and intellectual growth of the social role of student and teacher reflection on teaching and learning for a globalized world in order to act in its complexity of interaction continues.

KEYWORDS: Learning. Development. Processing.

1. INTRODUÇÃO

Raros são os fatos que fascina numa pesquisa bibliográfica desenvolvida do aprendizado docente. Com o trabalho de leitura e a escrita diferentes graus de ensino têm sido objeto de preocupação de muitos teóricos, porém do ponto de vista prático, muitas dificuldades ainda existem e precisam ser enfrentadas para que as futuras gerações sejam

²Graduada em pedagogia pela Universidade Norte do Paraná-UNOPAR e Bacharel em Teologia, pela faculdade Tecnológica de Ciência Humana e Sociais Logos- São Paulo. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Educação Matemática. Pós Graduada em Psicopedagogia Institucional Clínicas e Educação Infantil, Ensino Fundamental e Gestão Educacional-FSP. E-mail: edenilda.januario@hotmail.com

capazes de formas, adequada em uma sociedade sob constantes transformações geradoras no âmbito global.

Indagar as condições existentes para o trabalho de pesquisa bibliográfico envolvendo vários autores imprescindíveis para o resultado de conhecimento e compreensão da ação docente.

Este desafio de pesquisa bibliográfica possibilitou desvendar e explorar o contexto na metodologia de forma sistemática, favoráveis que cada autor propõe-se para o leitor no desafio de adequar na sociedade que estamos inseridos.

Para isto idealizou um projeto de pesquisa que buscou vários livros de autores diferentes com objetivos, no processo de desenvolvimento de observação e investigação e as condições existentes para que se possa fazer um trabalho de alto conhecimento minucioso das reflexões sociais.

Por esse motivo foi fundamentada abordagem qualitativa que permitiu relacionar vários aspectos da problemática estudada, garantindo um estudo mais aprofundado do tema nas series iniciais do ensino fundamental.

Para a realização desse trabalho contou-se com uma série de publicações na área de leitura, as quais apontam para inovações significativas na aprendizagem deste conhecimento tanto de vista psicogenético (Ferreiro e Teberosky 1999; Ferreiro 2000), quanto linguístico (Smith 1999, Solé, 1998).

Nessa perspectiva busca reflexão de compreender que o leitor faz com o texto e o que o texto faz com o leitor com as publicações que destacam novas contribuições para o trabalho da pedagogia com as de Weisz, (2000) e Kleiman (2002).

A abordagem explicada do ponto de vista teórico as condições políticas e pedagógicas necessárias à formação do leitor, questionando, o papel os procedimentos no desenvolvimento da dificuldade de aprendizado com a leitura e a escrita do indivíduo utilizando a metodologia bibliográfica que aborda na pesquisa de alto conhecimento concreto de cada autor.

Embora os dados obtidos por meio da pesquisa, analisados da teoria que embasou este trabalho, a realização e a discussão realizada sobre os resultados que nos permite a defender mudanças importantes no contexto político e educacional que nos influi um conhecimento reflexivo nos métodos proposto desta pesquisa.

Nas considerações finais retoma-se a importância da temática aqui pesquisada reafirmando que nunca se falou tanto em leitura, mas do ponto de vista prático.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Diante dos pensamentos descritos dos autores nas publicações em livros, é citada a relação unicamente que a escrita e a leitura são processo de codificação que compreende objetivo de estratégias conceitua ao olhar do conhecimento de si que aborda uma quantidade de problemática que fundamenta nos significado de ensino e aprendizagem que pontua perspectivas de características nos aspectos do conhecimento investigado nas condições de

políticas pedagógicas onde as reflexões teóricas são pontuadas e condicionadas na temática da pesquisa bibliográfica que conceitua as relações pesquisadas e desenvolvidas nas experiências introduzidas do leitor que visa valores de particularidades sobre o assunto do autor que induz domínio e valorização na cultura do desenvolvimento de ideias onde constrói possibilidades e espaço nas características da língua científica que se movimenta progressivamente intelectual nas tecnologias do pensamento clássico que aperfeiçoa profissionais nas práticas educativas. (SOARES, 1998 p.39)

Como considerar a leitura em sentido restrito, o ato de ler relaciona-se unicamente com a escrita e o leitor é visto apenas como decodificador das letras. Porém, fazer a leitura de um gesto, uma situação, ler o olhar de alguém, ler algum tempo, ler o espaço indica que o ato de leitura vai além da escrita, no sentido restrito; está ligado à decifração da escrita, não se pode desconsiderar que compreender o que lê é intrínseco ao processo de leitura que relaciona significativas entre objetivos, fatos e conceitos, pode-se dizer que as relações entrelaçam-se, articula-se em teias, em redes (FERREIRO, 2001, p.66). A ideia, estratégias de compreensão, leitura de que o leitor possa comparar seu próprio ponto de vista como o ponto de objetivo do conhecimento em si mesmo e como instrumento necessário para a realização de novas aprendizagens. (FREIRE, 1994 p.18).

3. ESTRATÉGIA DE LEITURA

Como considerar a leitura em sentido restrito, o ato de ler relaciona-se unicamente com a escrita e o leitor é visto apenas como decodificador das letras. Porém, fazer a leitura de um gesto, uma situação, ler o olhar de alguém, ler algum tempo, ler o espaço indica que o ato de leitura vai além da escrita, no sentido restrito; está ligado à decifração da escrita, não se pode desconsiderar que compreender o que lê é intrínseco ao processo de leitura que relaciona significativas entre objetivos, fatos e conceitos, pode-se dizer que as relações entrelaçam-se, articula-se em teias, em redes.

A ideia, estratégias de compreensão, leitura de que o leitor possa comparar seu próprio ponto de vista como o ponto de objetivo do conhecimento em si mesmo e como instrumento necessário para a realização de novas aprendizagens.

O processo da leitura que envolve uma compreensão crítica do ato de ler está ligado à leitura do mundo que precede a leitura da palavra: dia que a leitura desta não possa prescindir da continuidade de outras. O compasso de leitura se prende dinamicamente a compreensão do texto que por sua vez implica na percepção das relações entre texto e contexto. Esta leitura mais crítica possibilita as reflexões em

torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e “reescrita” do lido. (Freire, 1994 p.17)

É importante dizer que a leitura sempre foi fundamentada na curiosidade e esta rica experiência introduz o indivíduo na leitura particular.

Uma visão democrática de leitura consiste no direito de todos terem a oportunidade de ser introduzida na prática social dominante, valorizando o livro, a cultura erudita no desenvolvimento pessoal de ler e escrever para melhorar, defender suas ideias, construir significado de texto a partir dos objetivos, do conhecimento sobre o assunto e o autor de língua: característica de gêneros do portador, do sistema e da escrita.

A leitura nos possibilita encontrar num espaço uma nova dimensão pessoal e social, que nos permite resignar tudo o que já era e se sabia até então. É a leitura que possibilita o entendimento e a abertura para o mundo cósmico, social, natural e individual.

Parecem existir pelo menos três tipos de prazer de ler, ou, para ser preciso, três vias (aventuras) pelas qual a imagem da leitura pode capturar o sujeito... Chamo aventura ao modo como o prazer vem ao leitor. No primeiro modo, o leitor tem com o texto lido, uma relação felicista sente prazer com as palavras, com certas palavras, com certos arranjos de palavras; desenham-se no texto praias, ilha em cujo fascínio o sujeito se abisma se perde (...) De acordo com o segundo modo, oposto ao primeiro, o leitor é de alguma maneira puxado para frente ao longo do livro, por uma força (...) que está mais ou menos na ordem do suspense, (...) quando o prazer está ligado à vigilância do que você está desenrolando e à revelação do que está oculto (...) seria preciso interrogar, inversamente, os bloqueios, as repulsas de leitura: porque é que não continuamos a leitura de um livro? (...) Existe a terceira aventura da leitura (...) e, se pode dizer a da escrita. A leitura é condutora do desejo de escrever (...) desejamos o desejo que o autor teve do leitor quando escrevia, desejamos o ama-me presente em toda escrita. Uma pura leitura que não apele a uma outra escrita e para num algo de incompreensível, nesta perspectiva a leitura é verdadeiramente uma produção. A partir de então a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se e cada leitura, vale pela escrita que engendra até o infinito. (BARTHES, p.85, 1981)

O processo de aprendizagem e o processo de desenvolvimento do homem, da história e da ciência realizam-se de forma contraditória não linear, marcada pela evolução e involução no interior do movimento progressivo do crescimento individual e social.

O crescimento intelectual, nesse sentido, exige do sujeito tanto o acesso às inovações da modernidade científica e tecnológica como eventualmente no modo de pensar dos clássicos do passado.

Assim, o aperfeiçoamento profissional exige dos professores o acesso às novas práticas da ciência, bem como uma reflexão crítica sobre o modo de pensar considerando o ensino tradicional.

Nessas perspectivas, os avanços qualitativos na sala de aula, na educação e na sociedade dar-se-ão a partir do diálogo criativo entre as diferentes formas de pensar e agir, do presente e do passado.

Aprendemos com Descartes, por exemplo, que “ler bons livros equivale a uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados” – e também da atualidade, ressaltando-o para ser coerente com análise que vem a ser realizada.

Ensinar exige criticidade, não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência: feito é o que resulta dos procedimentos. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade continua a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se epistemológica, metodologicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objetivo, consta seu achado de maior exatidão. (FREIRE p.31, 1996)

Ler em sentido amplo é compreender e valorizar melhor os atos de ler do cotidiano. Essa perspectiva do ato de ler pressupõe transformação na visão do mundo quanto à compreensão são necessários: para realizar a partir do diálogo entre leitor e objetivos, seja lido, escrito, sonoro ou gesticulado.

O ato da leitura não se simplifica apenas em decodificar aquilo que está nos olhos do educando. O educador deve se preocupar com algo além da leitura de seu educando, mas deve também procurar despertar no aluno a criticidade e fazer destes alunos leitores autônomos.

O ato de leitura não pode ser concebido como uma adição de informação (informação visual e informação não-visual), o ato da leitura deve ser concebido como processo de coordenação de informações de procedência diversificada com todos os aspectos inferências que isso supõe cujo objetivo final é a obtenção do significada expressão linguisticamente. (FERREIRO, 2001, p.66)

Embora em sentido amplo a leitura, leitura deve envolver um significado de construção por parte de o leitor admitir a relação entre a experiência dos saberes anteriores do leitor com ideias de sustentar razões argumentadas pelo autor.

3.1 APRENDIZAGEM INICIAL NA ESCOLA

A busca do significado deve estar presente desde o início da aprendizagem, principalmente do ensino da leitura: processar a informação contida no texto para utilizá-la crítica e produtivamente.

Uma das tarefas primordiais dos professores de língua materna é em especial alfabetizar e a formação do leitor competente. Enfatizamos a importância dos alfabetizadores, devido o fato de serem geralmente, os primeiros responsáveis pelo contato sistemático da criança com a língua escrita e falada.

Através dessas reflexões sobre a interação leitor-texto, na tentativa de sugerir estratégias que permitam ao professor encaminhar o aluno para a estrutura significa aquela que envolve compreensão ao sentido global do texto e ultrapassa a decodificação mecânica de palavra por palavra, letra por letra. Saber ler o todo e atribuir significado a partes maiores do texto relacionando-as entre si, e esse todo com a realidade.

O conhecimento prévio é o “conhecimento do mundo” que o leitor já traz consigo. Todo texto, além das informações novas veiculadas, pressupõe outras que o leitor já possui e que devem ser acionadas enquanto lê.

Esse tipo de conhecimento varia de leitor para leitor e não pode ser aumentado de hora para outra, pois depende da vivência integral de cada um.

A compreensão do com texto envolve o conhecimento da língua e a familiaridade com os padrões gramaticais. Essa compreensão pode ser e é, em geral, bastante praticada nas escolas; às vezes em detrimento dos demais fatores aqui tratados.

O resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado de escrita e de suas práticas sócias. Esse conceito de letramento, segundo a autora, é muito mais amplo que o de alfabetização. Para ela, saber ler e escrever não são suficientes: o sujeito precisa saber fazer uso do ler e do escrever, responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuidade. Assim, a participação social, exercício de cidadania e a luta por direitos de cada um têm relação com esse letramento. (SOARES, 1998 p.39)

Segundo Solé, o uso significativo da leitura na escola também é muito motivador e contribui para incentivar a criança a aprender a ler e a escrever. Em algumas ocasiões, quando se fala de contexto motivador, parece que nos referimos apenas à existência de materiais e livros adequados.

A riqueza desses recursos sempre deve ser bem recebida, porém o que mais motiva a criança a ler e a escrever e ver o adulto lendo ou escrevendo, assistir as leituras em grupos pequenos ou grandes, tentar sentirem-se aprovadas às suas tentativas de leitura, habilidades específicas que os leitores fluentes utilizam, as leituras iniciais devem aprender. Fazer isto ajudará a falácia de confundir a natureza de leitura com a maneira pela qual a leitura é encenada.

A atividade de leitura dos leitores experientes está dirigida pelos objetivos que pretendemos mediante a ela; não é a mesma ler para ver se interessa continuar lendo e ler quando procuramos uma informação determinada ou quando precisamos formar uma ideia global do conteúdo para transmiti-la a outra pessoa.

A alfabetização por meio dos textos, que dispensa a memorização de famílias silábicas, sério, necessário e difícil, que exige uma formação específica dos professores.

Por muitos anos se acreditou que o fundamental para alfabetizar os alunos era o treino da memória, da coordenação motora, da discriminação visual e auditiva e da noção de literalidade.

O desenvolvimento e construção da alfabetização sem dúvida ocorrem em um ambiente social, onde a língua escrita cumpre a exemplo, fazer alternativa modalidade que responde à necessidade de produzir uma mudança qualitativa na apresentação escolar da leitura.

A leitura de qualquer termo de acesso ao texto cuja leitura transformou-se em objetivo, para ter acesso ao texto é preciso ter acesso ao seu código. Ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar significado sem que isso se torne uma tortura.

O mundo da leitura tem muitas faces. Lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples ou complexas; lê-se para saber mais sobre o mundo factual; lê-se em busca de diversão e descontração, por meio da literatura de ficção e da poesia; lê-se para chegar ao prazer do texto. Prazer que resulta de um trabalho intelectual intenso, de um corpo-a-corpo em diferentes níveis, que se instaura entre o leitor e sua experiência prévia do mundo e o autor seu texto de arte. (ROCCO, 1996, p. 5 e 6)

A valorização da leitura e escrita será facilmente incorporada ao conjunto de atitudes do aluno se o professor demonstrar valorizar a atividade tornando-a parte central de sua aula.

Contextualizar a leitura é o compromisso de toda uma tarefa muito difícil, fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que expressam do conhecimento letrado do aluno, portanto é fundamental que as práticas de leitura sejam consideradas também como fundamentais para a produção de textos.

Para produzir textos é preciso conhecer as regras e normas que legitimam essas práticas de envolvimento em todo o aspecto de conhecimento acumulado sobre o que procurar em texto, desenvolvimento da leitura escrita, para esses alunos, significa por isso duplo processo: o aprender a ler e o aprender um novo dialeto socialmente privilegiado; o material de leitura usado na escola vincula também a visão do mundo.

Os livros oferecem o valor para todas as classes, privilegia a fruição como instrumento de participação social.

3.2 HABILIDADE DE ESCRITA

Em uma expectativa se transformam em um sentido positivo, principalmente as crianças ou adultos que estão começando a escrever, neste caso é muito difícil a leitura, pode assumir o desafio que intervém de forma significativa ao pensamento com a leitura e a escrita, são atos individuais, mas têm um caráter sociocultural.

Isso porque tanto quando as produções de textos não são processos simples realizados só pelo leitor ou só escrita, mas pressupõe uma transação entre o leitor, o escritor e o texto, sua cultura própria. Enfim, toda a história linguística e produção textual significativa entrem ao escrever e ler.

Os aspectos e massificação informacional se fazem amiúde de modo tão eficaz que o espectador, ouvinte ou leitor não chega a tomar decisão alguma. Ao contrário, introduz uma opinião massificada no espírito, mas ou menos da mesma forma que introduz uma fita cassete num gravador. Daí por diante pode apertar um botão e reproduzir a opinião todos às vezes que julgar conveniente. A tua, assim, de maneira aceitável sem ser obrigado a pensar sobre a leitura e a escrita e a escrita num processo de transformação. (ADLER, 1974 p.17-18).

A escrita é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos bem como cultura, econômica e política, nessa iniciativa da leitura ocorre o que chamamos de decodificação, ou seja, o envolvimento da discriminação visual dos símbolos impressos, e a associação entrem a palavra impressa e o som. Também a leitura emocional e a leitura intelectual, rigidez da forma de apresentação e tendência a isolar o leitor do contexto pessoal.

A escrita e a leitura é um ato solidário com o processo de aprendizagem, evolui do simples para o complexo, assim para saberem complexos é preciso decompor os elementos ao longo do tempo, começando pelo mais simples.

É assim que a escrita é parcelada em seus componentes, sílabas e letras ou na melhor das hipóteses, palavras, e depois que esses componentes tiverem sido assimilados se inicia o trabalho com frases ou textos.

A exigência de simplificação é de tal forma que a leitura acaba por se decompor, reduzir elemento mais simples: leitura mecânica primeiro, compreensiva depois e crítica apenas no final da escolaridade.

Também defendendo o raciocínio sentido real da leitura que realiza um forte trabalho didático para consegui-lo; portanto é fundamental que a prática de leitura seja considerada também como fundamental para a produção de textos. Para produzir textos é preciso conhecer as regras e normas que legitimam do alfabeto e da língua padrão, envolvendo todo o aspecto

do conhecimento acumulado sobre o que procurar em um texto, colocar em jogo quais forem os objetivos e estabelecer várias situações.

As dificuldades no processo de aprendizagem são reflexões por situações de ensino-aprendizagem da leitura nas séries iniciais, percebemos que nas explicações que geralmente ouvimos o ato de não aprender separando do ato de ensinar como se ambos não fizessem parte de um mesmo processo que dinamicamente, assume funções distintas, dependendo do contexto e das influências recebidas do aluno, cooperação que não esteja ao mesmo tempo.

A informação funciona, pois ele não pode ser a única fonte reguladora de aprendizagem, os alunos mais velhos podem fazer o papel de monitores ou também pode se construir um contrato didático entre a turma, estabelecendo regras e metas. Esse conjunto torna-se uma necessidade ligada mais à evolução do ofício do que uma escolha pessoal.

Ao mesmo tempo, há cada vez mais jovens ou adolescentes que desejam trabalhar em equipes, visando níveis de cooperação mais ou menos ambiciosos. Alguns deles excluem radicalmente trabalho solidário, outros são mais ambivalentes, mas veem as vantagens de uma cooperação regular, se esse trabalho funciona de fato e nem um aluno seja mais beneficiado e outro lesado.

Essa competência que deve ser construída ao longo da profissionalização através das experiências.

Ler é um ato de cumplicidade. Quando mais vontade consciente de liberdade, maior o índice de leitura. Um dos efeitos a leitura e o aprimoramento da linguagem da expressão nos níveis: individual e coletivo. Uma sociedade que sabe se expressar sabe dizer o que é menos manobrável. (ÂNGELO, 1981 p.74)

Parte de um trabalho conjunto que pressupõe um papel ativo das crianças na construção do conhecimento, os documentos de classe são espaços importantes de reflexão, espaço em que limite, o próprio professor constrói seu conhecimento; humanizam-se nesse contexto, os participantes da interação alternada com desenvoltura, aparecem com seus nomes reais níveis diversos de desenvolvimento emocional e cognitivo, interesses particulares, perplexidade, e, finalmente com seu ritmo próprio ao prazer de tornar-se competente com nosso modo ato educativo.

4. HÁ AS MESMAS CONDIÇÕES DA LEITURA PARA POLÍTICA PEDAGÓGICA

O apoio à execução de pesquisas e ao desenvolvimento de programas, visando à mudança, no âmbito da leitura deve ser o mínimo possível, de modo que as coisas permaneçam exatamente como estão.

No Brasil somente as poucas elites letradas possuem a capacidade de usar a informação escrita em benefício próprio, de sua família e de sua nação: “A grande maioria do povo não tem acesso aos benefícios profissionais, sociais, políticos, econômicos e de lazer inteligente que apenas a familiaridade com a leitura pode proporcionar”. (FIORE, p.28).

A criança e pais das camadas populares veem a aprendizagem da leitura como instrumento para obtenção de melhores condições de vida – a leitura é avaliada em função de interesses utilitários. Já as crianças e pais de classes favoráveis, veem a leitura como mais uma alternativa de expressão, nunca uma exigência para o mundo do trabalho.

Em nossa sociedade, reforça-se essa diferença do valor da leitura entre a sociedade prevista. Embora para o leitor que confere a um objetivo, lugar ou acontecimento, certa legibilidade possível reconhecer neles;

Mas todos estes programas não serão eficientes se o povo brasileiro não tiver acesso á informação escrita, pois, no Brasil, o sistema de distribuição de livros escolares, que é democrática e favorece principalmente os pobres, caminha perto a geografia de nossa injustiça social e regional que discute condições concretas de produção de leitura, mas especificamente a importância e a necessidade do ato de ler, quando os recursos reais para a prática da leitura e escrita na escola podem contrapor-se ao discurso, pois revelam as condições contrárias.

A dimensão quantitativa (mais leitura ou menos leitura) e a dimensão qualitativa (boa leitura ou má leitura) do processo dependem da existência de condições concretas para a sua produção.

A prática pedagógica tem demonstrado que quando se pretende trabalhar com a diversidade textual nas classes de alfabetização, nas situações em que se lê para os alunos todo gênero é adequado, desde que o conteúdo possa interessar, pois o professor atua como mediador entre eles e o texto.

E quando se trata de produzir textos por escrita, isto é, de escrever textos de próprio punho, as possibilidades se restringem, pois a tarefa requer coordenação de vários procedimentos complexos relacionados tanto com o planejamento do que se pretende expressar quanto com a própria escrita.

É preciso, portanto, saber o que se pode propor aos alunos em cada caso: quando o professor lê para eles, quando eles próprios é que se tem de ler, quando produzem o texto sem precisar escrever e quando precisam escrever eles próprios.

Além disso, é importante considerar que há uma série de variações que se pode fazer.

Quando uma criança escreve está fazendo uso de um sistema silábico ou próximo dele, por exemplo, isso não costuma ser reconhecida com um saber, já que, do ponto de vista de como se escreva em português, essa escrita não existe. Mas do ponto de vista de como o aprendiz consiga chegará escrita que se use em português, que é uma escrita alfabética, ele precisa de uma forma ou de outra passar por uma apresentação são as emissões sonoras que ele reconhecer e isolar pela via da audição. Mesmo que não escreva estritamente uma letra para cada sílaba, supõe sempre que está representando um segmento sonoro que pode ser emitido isoladamente. Esse é um conhecimento importante que o professor deve reconhecer no processo da aprendizagem da escrita. Caso não possa fazê-lo suas chances de ajudar a criança aprender a ler, provavelmente terá sido por sua própria conta e risco. (WEISZ, p.39)

Quando se acredita que a alfabetização é um processo que se desenvolve a partir da análise e da reflexão que o aluno faz sobre a língua, não há muito que “inventar” em relação às situações de ensino e aprendizagem. As atividades específicas reflexão sobre o sistema da escrita, como já se discutiu em vários momentos, devem basicamente se constituir em contextos de uso dos conhecimentos que os alunos possuem, de análise das regularidades metodológicas propostas de ensino e aprendizagem.

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado de esforço coletivo da humanidade. Com objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meio concreto de existência (especialmente nas concentrações urbanas). O escrito aparece para criança como objeto com propriedade específicas e com suporte de ações e intercambio social.

Existem inúmeras amostras de inscrições nos mais variados contextos: letreiros, periódicos, procuram um número de telefone, etc., isto é, produzem e interpretam a escrita nos mais variados contextos.

É evidente que por si só, a presença isolada do objeto e das ações sociais pertinentes não transmite conhecimento, mas ambas exercem uma influência criando as condições dentro das qual isto é possível.

O ato da leitura não se simplifica apenas em decodificar aquilo que está diante dos olhos do educador. O educador deve se preocupar com algo além da leitura de seus educando,

mas deve também procurar despertar no aluno a criticidade e fazer destes alunos leitores autônomos.

Vale ressaltar que criticidade, enquanto um emblema de cidadania é um valor atitudinal, são trabalhadas ideologicamente por aqueles que detêm o poder econômico e político. Isto porque a conservação e a reprodução do esquema de privilégio dependem, fundamentalmente, da ignorância e do conformismo, aqui tomados como forma de escravização da consciência. (SILVA, 1998, p.23)

O educando deve saber que a leitura é descontração é prazer, mas que também deve ser um momento de descobertas, um momento histórico e quem sabe até mesmo emocionante.

O trabalho do educador é sustentado principalmente pelas relações que estão estabelecidas com as crianças e entre elas, onde se constrói um ambiente de confiança, autonomia e cooperação, onde as ações dos educadores devem estar pautadas por firmeza, segurança e forte relação de efetividades com as crianças.

O autor deixa clara a “lei dura” de leitura na qual, disfarçadamente enfatiza-se que, somente a elite dirigente deve ler e o que deve ser mantida longe do livro, pois os livros, quando bem selecionados e lidos estimulam a crítica, a contestação e a transformação social vigente.

4.1 COMO CONDICIONAR NA SOCIEDADE A FORMA PARA E SE TORNAR UM LEITOR

O uso de texto especialmente produzido para o ensino da leitura é apenas uma das manifestações de uma postura básica de concepção vigente na escola, o processo de aprendizagem evoluiu do “simples” para o “complexo”, para ensinar saberes é necessário decompô-lo em seus elementos ao longo do tempo evoluindo a cumplicidade ou interpretar as vigências propostas pela sociedade.

Se a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educando e educadores direitos, porque participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante?

Se na sociedade desigual ela reproduz e consagra a desigualdade social, deixando no limite inferior de seu mundo de trabalho, permitindo que minorias reduzidas cheguem ao seu limite, segundo hábito de leitura não está disseminado entre a maior da população brasileira, o

país precisa intervir maciçamente na difusão do hábito de ler com as crianças juntas às famílias de todas as classes sociais.

Para isso Fiori sugere que parentes sejam induzidos a ler com as crianças por meio de pequenos programas para instituições de massa implantadas em sindicatos, igrejas, escola, empresas para que os alunos ligados a estas instituições possam ler para as crianças de suas próprias famílias. Além disso, a divulgação de condições criadas para a constituição do hábito de ler.

Segundo aspecto defendido pelo autor diz respeito às mudanças necessárias no sistema educacional para que seja implantado o hábito da leitura.

Para Fiore, a escola tem um caráter estratégico na formação de leitores, pois 34 milhões de crianças e jovens poderão tornar-se leitores por meio da atuação da escola, uma vez que não possuem o benefício e leitura doméstica.

Para isso é necessário estabelecer programas amplos e simples que seja reavaliado periodicamente tais como a implantar a hora da leitura diária em todas as escolas do país que expandir, fortalecer, organizar, fomentar e institucionalizar as bibliotecas associando conscientizar os professores e diretores a respeito do respeito do hábito de leitura como objetivo nacional.

Segundo Fiore é fundamental que o hábito da leitura seja adquirido até a adolescência, para isso o autor sugere que sejam implantados programas de leitura visando atingir as famílias e as escolas, porém argumenta que estes não serão suficientes e para isso defende que sejam implantadas ações específicas para atingir os leitores infantis e juvenis dotando as bibliotecas de condições para que possam expandir-se até as famílias, associações esportivas, igreja, escolas, samba, centros, empresas, etc., além disso, o autor sugere que sejam realizadas parcerias com empresas, colégios e faculdades de forma que os livros possam chegar até a juventude pobre, incentivado pelos meios de comunicação. (FIORE, 2001, p.22)

Mas todos estes programas não serão eficientes se o povo brasileiro não tiver acesso à informação escrita, pois, no Brasil, o sistema de distribuição de livros escolares, que é democrática e favorecem principalmente os pobres, caminha perto a geografia de nossa injustiça social e regional que discute condições concretas de produção de leitura, mas especificamente a importância e a necessidade do ato de ler, quando os recursos reais para a prática da leitura e escrita na escola podem contrapor-se ao discurso, pois revelam as condições contrárias.

A razão do discurso e a procura de fontes de conhecimento fazem com que o caminho da biblioteca fique muito mais longo e demorado do que o texto curto e pronto-a-mão,

xerografado ou mimeografado pelo professor, é preciso compreender que não se formam leitores com uma ou duas cirandas e nem com uma ou duas sacolas de livros, se as condições sociais e escolares, subjacentes à leitura não forem consideradas e transformadas.

Pode ser importante destacar que o Brasil necessita investir em uma política nacional de uma nação letrada. Essa política contribuirá para a mudança do valor do livro no imaginário do povo, mas, para isso é necessário ampliar o acesso gratuito dos brasileiros ao livro, a revista, ao jornal e ao computador, providência fundamental para um povo pobre.

Para isso o país deve lançar mãos de todas as alternativas possíveis, começando por melhorar condições de ensino nas escolas e ter acesso dos brasileiros ao livro comprado por meio da ampliação de rede nacional, adequando ao poder de compra do povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este artigo de trabalho, trouxe certeza do que pesquisar é como pesquisar sobre os autores, tendo o objetivo de esclarecer todas as dúvidas sobre o ensino e aprendizado do aluno na forma reflexiva.

Por consequência disso cheguei à conclusão que a falta de informação eleva o indivíduo ao mundo fechado sem visão aos conhecimentos do trabalho, onde estamos inseridos. Compreender a importância de desenvolver, competências e habilidades.

Nesse sentido, essa questão nos leva a refletir sobre a função da nossa prática docente, que nada mais é que possibilitar uma nova visão de conhecimento, que permeiam toda a nossa obra os educados poderão vivenciar enormes desafios e adquirir uma formação plena, que os tornará cidadãos críticos, analíticos, criativos, pensantes, flexíveis, adaptáveis e humanistas. Ferramenta que potencializa mudanças de toda ordem quebra dogmas, crenças antigas velhas padrões.

Constantemente promove questionamento, reavaliação, transformação em face de investigação, do novo, em função de ser um processo infinito de reconstrução. De qualquer projeto é apenas um mapa de orientação, não garantido um caminho reto e seguro aos educadores estão sendo desafiados a mudar a inovar. Inovar com o intuito de atender às expectativas da atual sociedade. Mudar para adquirir novas técnicas metodológicas capazes de transformarem o espaço escola do aprendiz em algo dinâmico.

REFERENCIAS

6. REFERÊNCIAS:

ADLE, J. M; S. Van Doren. **A arte de ler**. Rio de Janeiro. Agir, 1974. p.17-18.

ANGELO, Ivo. **O problema do livro no Brasil**. In: Caderno “Cultura”; o Estado de São Paulo, 17 de agosto de 1981. p.74.

BARTHES. **Rolana Orunar da Língua**. Edição 70. Lisboa, Portugal. p.85-86. 1984.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. Em três artigos que se completam.

Ed. 29. Paulo Cortez, 1994.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes da Prática Educativa**. Ed.16. São Paulo. Paz e Terra, 1996 p.31.

FIORI, José Luís. **60 lições dos 90, uma década de neoliberalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

NÓVOA, Antonio. **Professor se forma na Escola**. Nova Escola, V 16 n° 142; p 13-15. Maio, 2001.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens de Leitura**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação à Distância. p.5-6. Brasil, 1996.

SILVA, Ezequiel. T. **Da Leitura ou “Lei-dura?”** In. ABREU. Márcia (org). **Leitura no Brasil: Antologia comemorativa pelo 10º cole**. Campinas. São Paulo: Mercado de Letras 1995.

SOARES, Isabel. **Estratégia de leituras**. 6ª Ed. Porto Alegre. Artmed, 1998 p.45.

_____, M. **Letramento: um tema em três Gêneros**. Belo Horizonte. Autentica, 1998 p.45.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3ª Ed. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 1999.

TEBEROSKY. Ana. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.